



**FESTA DO BEATO FUNADOR  
JOSÉ ALLAMANO  
16 de Fevereiro de 2012**

Caríssimos Missionários,

Neste momento tão especial da vida do nosso Instituto, por ocasião da festa do nosso Beato Fundador; impelidos pela renovação que o Capítulo nos propôs; e no clima de reflexão para a preparação e concretização das Conferências de Circunscrição, considero fundamental sugerir a todos que redescubram a centralidade da missão como fonte da nossa identidade e do nosso agir. As Constituições, no art.º 17, fazem-nos recordar o que é constitutivo em relação à finalidade do Instituto, ou seja, “o anúncio da Boa Nova aos povos ainda não evangelizados”. Nós somos chamados para as fronteiras da Igreja, para os grupos humanos que não conhecem ou ainda não aceitaram Jesus Cristo. Estes e os novos “pagãos” de hoje são a razão de ser do Instituto. Di-lo bem o Fundador quando afirma: “Nós existimos para os não-cristãos”. Penso que este princípio fundamental deveria ocupar o primeiro lugar nas intenções de quem entra para o Instituto, e inspirar toda a nossa actividade e todas as opções que fazemos.

O testemunho do Fundador mete a foco aspectos sempre novos da missão evangélica e renova o empenho pelo seu anúncio. O Beato Allamano transmitiu um carisma que deve ser vivido segundo o seu espírito. Disso tinha ele forte convicção, a pontos de continuamente afirmar: «O espírito, esse deveis vir buscá-lo a mim!». Esta expressão, multiplicada por outras semelhantes, é mais que simples recomendação: é a sua vontade, que para nós é norma de vida e luzeiro do nosso caminho. Sem o espírito de José Allamano, não seremos Missionários da Consolata. Isto contempla uma referência constante a ele, à sua doutrina e ao testemunho da sua vida, para daí extrairmos uma espécie de “bilhete de identidade” do que devemos ser.

Para se sermos missionários hoje em dia, precisamos de voltar a visitar o nosso Fundador, voltar à sua escola para aprender a viver o carisma. Karl Rahner teve ocasião de escrever: “só se pode conservar uma herança na medida em que se conquista um futuro novo. O puro conservadorismo é estéril e nem sequer cumpre as suas finalidades legítimas, sabendo que o “novo” no cristianismo é sempre, naturalmente, uma descoberta criadora e uma elaboração, aderente aos tempos, da sua essência mais autêntica”.

O regresso ao Fundador e a um re-entendimento histórico volta a dar força e identidade ao Instituto, reintegrando-o em volta de alguns fulcros que estão estruturalmente juntos, quer dizer: a nível cultural (a pertença), a nível da experiência (a vivência), a nível da missão (a opção fundamental). Devemos revitalizar o nosso apego ao Fundador sem nos separarmos da sua raiz, mas também sem simplesmente repetirmos o passado à letra. A interculturalidade das nossas pertenças, as novas geografias vocacionais, os novos postos de missão, impelem-nos e facultam um novo dinamismo carismático, uma releitura “diferente” do nosso Fundador.

Por certo que é vital que o Instituto se coloque nas pegadas da sua própria tradição carismática; no entanto, isso não significa que fechemos os olhos às mudanças que estão prenhes de sinais do futuro. Aqui surge a necessidade de saber sintonizar a fidelidade da tradição com as dinâmicas da vida, da cultura e da história. Porque a possibilidade da continuidade histórica está ligada à revitalização do carisma, ao amor ao Fundador e à fidelidade à missão, sem medo de perder a identidade.

A festa do Beato J. Allamano coloca-nos uma pergunta sobre o espaço que ele ocupa no nosso caminho espiritual e no empenho pela missão. A resposta é pessoal mas também deve mexer com a nossa vivência de missionários em comunhão. Para as celebrações deste ano gostaria de acenar a alguns aspectos que

remetem para os temas do Capítulo e também para a perene presença de J. Allamano no Instituto e em cada um de nós.

### ***1. A nossa identidade de missionários***

A Igreja reconheceu e propôs a marca que distingue J. Allamano na múltipla fileira de santos que brotaram de Turim e do Piemonte nos seguintes termos: «ele percepcionou o dever de cada Igreja local se abrir à missão universal». Por esse motivo deu início ao Instituto com o objectivo prioritário e privilegiado de anunciar o evangelho aos que não chegaram ainda a conhecê-lo. De facto assim nos exorta: «entregai-vos de toda a alma e com todas as vossas forças à obra da evangelização», que deve ocupar o primeiro lugar nos nossos interesses e compromissos. Tal é a razão de termos entrado para fazer parte do seu Instituto (cfr. *Lettere*, p. 135). Tal é «ainda hoje o desafio maior da Igreja», lembrava o Beato João Paulo ii, considerando que a maior parte da humanidade ainda não recebeu o primeiro anúncio de Cristo; de forma que se pode dizer que «a missão *ad gentes* ainda está apenas a começar» (RM 40, cfr.3). A isto junta-se o fenómeno, hoje bastante difuso, dos que abandonam a fé.

A gravidade deste facto revela-se nas iniciativas eclesiais previstas para breve, como sejam: o Ano da Fé e o Sínodo dos Bispos sobre “*A nova evangelização para a transmissão da fé*”. É uma problemática que nos interroga. A urgência do primeiro anúncio ou da re-evangelização desperta a nossa atenção e solicita de nós que demos um contributo qualificado à renovação dos métodos pastorais. A formação contínua, tal como a opção por estudos de especialização, devem tal levar em conta. E não só para bem da nossa vocação (Const 17; Dir. Geral 79.2), mas também por amor do estilo de J. Allamano, sempre atento às situações do seu ambiente de Turim e às que os missionários iam encontrando noutros contextos. Ele foi reconhecido pelos seus contemporâneos como uma pessoa que «mantinha os olhos e os ouvidos atentos e vigilantes a tudo o que acontecia» (A. Cantono); «sempre teve uma intuição exacta das necessidades dos tempos»; «não provou a velhice, precisamente devido ao seu olhar vivo e penetrante» (Pinardi).

Olhar para o Fundador significa penetrar nos seus sentimentos, nas suas decisões, no seu comportamento, para depois agir em conformidade. Vale a pena lembrar o que foi dito por ocasião da Beatificação de J. Allamano: «Um Fundador exaltado e um Instituto dobrado sobre si mesmo não podem coexistir». A linha de conduta do Fundador concorda, em antevisão, com a afirmação de João xxiii:

«Olhemos para o passado, mas em ordem ao presente. Não estamos destinados a guardar um museu mas a cultivar um jardim». É a mesma proposta que encontramos no Capítulo: «Somos chamados a combater o imobilismo, a falta de reflexão, de conversão pessoal e comunitária perante os desafios que o mundo globalizado nos coloca, e a uma reflexão contínua sobre a novidade da missão *ad gentes*» (n.16).

## 2. A espiritualidade

O Capítulo exorta-nos também ao «aprofundamento da nossa espiritualidade, regressando à herança do Fundador» (n.12). A este respeito não devemos esquecer que ele não se contentou com o envio de missionários: qui-los tenazmente “de qualidade”. Não corresponde ao plano do Fundador um Instituto que não seja incandescente no fervor, na tensão para a perfeição, na qualificação espiritual, cultural, e pastoral, para estar à altura duma vocação que tinha por sublime. J. Allamano detestava a mediocridade. É o que diz a sua repetida exortação a sermos enérgicos, empreendedores, laboriosos. Queria gente que, tendo o mundo por horizonte, tenha uma visão ampla.

Para lhe sermos fiéis, o Instituto deve renovar este dinamismo, vencendo a tentação do mínimo necessário para “fazer sempre mais”, ir “para a frente” no crescimento espiritual e em todas as actividades, sem ter medo de exagerar.

Restringindo agora o discurso ao fundamento carismático, ele continua a propor-nos uma orientação para Deus e um ardente compromisso em o tornar conhecido, ambos com “total” dedicação, sem qualquer inflexão, parêntesis ou excepção. Também isto é um aspecto da sua proposta: ser missionários de íntima comunhão com “Deus apenas” e de intensa actividade apostólica, para a qual “é preciso ter fogo”. Sermos Missionários enamorados de Deus “até dar a vida” pelo anúncio do evangelho. É este o tipo de missionários que ele quis ter: ser santos para ser missionários. E reafirma-o acrescentando, significativamente: «Sempre foi esta a minha ideia!».

A nossa história enumera testemunhos autênticos deste tipo de missionário. Mas trata-se duma exigência sempre actual, porque também o mundo de hoje «reclama evangelizadores que lhe falem de um Deus que conheçam e que lhes seja familiar, como se vissem o invisível» (EN 76).

## 3. A Comunidade local

Uma opção feita pelo Capítulo para o próximo sexénio, e em particular para os três primeiros anos, tem a ver com a qualificação das comunidades locais (nn. 3 e 23). Disso se indicam os motivos e os objetivos, mas a sua raiz é a intuição do Fundador. Ele próprio afirmou ter pensado, na altura de projectar a fundação do Instituto, em dar uma família a quem deixa tudo por amor da Missão. E codificou nos Regulamentos logo desde o primeiro projecto de 1891, estabelecendo que quem entrasse para fazer parte do Instituto, «devia considerar-se como membro vivo e interessado numa nova família». E reafirmava continuamente: «O Instituto não é um colégio, nem sequer um seminário, mas uma família» (VS 405): a quem pedia para entrar, dizia: “Aqui encontrareis uma família». Também isto constituirá um refrão contínuo que dirigia, com modulações várias, aos aspirantes, aos missionários, aos responsáveis, às comunidades, especificando que a consequente «união de intentos e de esforços é como a alma e a vida» do Instituto.

Daqui vem também o método de fazer missão, de se relacionar com as pessoas, de fazer opções, sempre em conformidade com o espírito de família.

Também os relacionamentos entre Fundador e missionários levam a mesma marca. Ele afirma e dá provas de que no seu coração estarão sempre os seus «queridos missionários». E o mesmo acontece com eles a seu respeito, sempre considerado “o seu Pai”. Este vínculo, reavivado na celebração litúrgica anual, implica o aprofundamento do seu conhecimento, a sua difusão, o pedido da sua intercessão, a tradução na prática dos seus ensinamentos, o crescimento do espírito de família. Em suma: torná-lo vivo dentro de nós, nas comunidades, em todo o Instituto, nas Igrejas, para o anúncio do evangelho segundo a sua intuição carismática.

Que a Senhora da Consolata, inspiradora da sua obra para a Missão nos ajude a concretizá-la diariamente e não só de vez em quando, na comunidade e no apostolado.

A todos e a cada qual, coragem e – *para a frente – in Domino!*

Roma, 16 de Fevereiro de 2012

P. Stefano Camerlengo, IMC  
Padre Geral